

## A TRAJETÓRIA DE NHÁ CHICA: CATOLICISMO, ESCRAVIDÃO E SOCIEDADE NO SUL DE MINAS GERAIS (1843-1895)

*Paula Castellano<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo possui como enfoque a apresentação de uma pesquisa sobre o papel dos africanos e seus descendentes na propagação do catolicismo no Brasil, com destaque para a análise da trajetória de Nhá Chica – beata negra brasileira e importante símbolo para a população negra cristã. Vale destacar que, embora essa religiosa tenha atuado no século XIX, sua imagem foi veiculada pela Igreja Católica a partir da segunda metade do século XX, quando teve início o processo que culminou em sua beatificação.

**Palavras-chave:** Nhá Chica; Biografia; Trajetória; Catolicismo; Africanos.

### THE TRAJECTORY OF NHÁ CHICA: CATHOLICISM, SLAVERY AND SOCIETY IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS (1843-1895)

**Abstract:** This article focuses on the presentation of a research on the role of Africans and their descendants in the dissemination of Catholicism in Brazil, emphasizing the trajectory of Nhá Chica – a black Brazilian woman who has been beatified and has become an important symbol for the black Christian population. It is worth pointing out that, although such religious person lived in the 19th century, her image was publicized by the Catholic Church in the second half of the 20th century, when the process that culminated in her beatification began.

**Keywords:** Nhá Chica; Biography; Trajectory; Catholicism; Africans.

### Introdução

Inicialmente, algumas questões precisam ser apresentadas. Assim, vale ressaltar que a Cristandade – aqui entendida como o conjunto de relações existentes entre a Igreja Católica e o Estado português – implementada ainda no Brasil colonial visava garantir a legitimação das instituições religiosa e política no interior da sociedade brasileira. Assim, a Igreja procurava conhecer os seus fiéis e estabelecer um controle sobre suas consciências. Como resultado, haveria um controle moral dos comportamentos e das mentes dos súditos do rei e fiéis do catolicismo que garantiria a legitimação tanto do poder temporal quanto do poder eclesiástico (OLIVEIRA, 2007).

Outro ponto a ser destacado para um melhor entendimento da pesquisa é a escravidão, que foi um dos fatores fundamentais a interferir no processo de construção da Cristandade colonial. Elemento importante na consolidação dos interesses da Coroa portuguesa no Brasil, a

---

<sup>1</sup> Paula Castellano Marques da Cruz Anunciação - Mestranda em história no PPGH da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: paulacastellano17@yahoo.com.br

escravidão fazia parte da lógica de funcionamento da sociedade. A Igreja obteve um papel fundamental ao legitimar o regime escravista, justificando o cativo a partir das concepções de pecado e de inferioridade ética espiritual de alguns povos. Desse modo, a escravização dos povos africanos teria sido a condição básica para a constituição de uma sociedade católica e escravista na América Portuguesa (OLIVEIRA, 2007, p.358):

Os escravos teriam a sua função dentro de um corpo social criado e mantido por Deus. A escravidão, sob esse ponto de vista, seria um elemento “naturalmente” necessário ao funcionamento da sociedade e os escravos, principalmente os africanos, eram seres talhados pelo criador para o exercício de suas funções.

Abordados os fatores acima, poderei, então, apresentar a pesquisa que está em andamento. O presente artigo está dividido em duas temáticas que se relacionam e se complementam: inicialmente, mostrarei alguns dos estudos que estão sendo desenvolvidos acerca dos africanos e seus descendentes e a propagação do catolicismo no Brasil, destacando a catequese, a promoção de santos pretos e reformas realizadas no interior da Igreja Católica durante o século XIX. Para tal, será explicitada a bibliografia utilizada, que possui como base os escritos de Anderson José Machado de Oliveira e de Luiz Roberto de Barros Mott. Nesse sentido, revisarei algumas questões já debatidas por esses autores, além de destacar a importância das trajetórias de Nhá Chica e Rosa Maria Egípcíaca – duas figuras negras que contribuíram para a propagação do catolicismo para a população de cor.

Em um segundo momento, serão apresentados, de forma mais aprofundada, os estudos já desenvolvidos sobre Nhá Chica. O objetivo é analisar a biografia e a trajetória da beata, explorando principalmente a bibliografia que está sendo utilizada. O intuito é demonstrar meus objetivos ao fazer uso das autoras selecionadas, já que seus escritos apontam para a existência de duas diferentes perspectivas que delineiam, até o presente momento, os ensaios sobre a religiosa em questão.

Por fim, e ainda na segunda temática, serão abordadas as fontes e a metodologia que estão em andamento. Sobre a última, é importante frisar que ela está sendo elaborada de forma a analisar a vivência da fé católica e o prestígio alcançado por Nhá Chica em Baependi, local onde ela viveu e atuou. Ademais, autores como Giovanni Levi (1996), João Fragoso (2014), Carlo Ginzburg (2007) e Jörn Rüsen (2009) serão explorados de maneira a apresentar a matriz teórica presente na pesquisa.

### **Africanos, seus descendentes e a propagação do catolicismo no Brasil**

Esta pesquisa pretende ressaltar que houve um projeto de conversão dos negros no contexto da Cristandade colonial reforçado por ordens religiosas, sobretudo durante o século XVIII. Franciscanos e carmelitas usaram a devoção dos santos pretos e as irmandades como estratégia para a efetivação do projeto de catequese dos africanos e seus descendentes (OLIVEIRA, 2008). Assim, e como já mencionado anteriormente, com o intuito de entender a relação entre os africanos, seus descendentes e a propagação do catolicismo no Brasil, estão sendo realizados estudos sobre a catequese para a população negra nos séculos XVI e XVII, a promoção de santos pretos no século XVIII e a reforma na Igreja Católica empreendida no século XIX.

No final do século XVI e no início do século XVII, ocorreu a intensificação da preocupação com a conversão dos negros ao catolicismo. A própria estrutura social vigente no Brasil, marcada por hierarquias e desigualdades, exigia uma proposta específica de cristianização desses povos. Dessa maneira, a Igreja voltou as suas atenções para a catequese, reproduzindo um discurso de promoção de uma unidade de procedimentos e crenças. As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia – primeiro código de direito canônico produzido especialmente para a América Portuguesa, sendo uma adaptação da legislação eclesiástica portuguesa às condições coloniais e respeitadas por todas as dioceses na América Lusa – expressaram a preocupação com a conversão dos pretos ao trazerem a Breve Instrução nos Ministérios da Fé, que representava um catecismo especial dedicado aos africanos e seus descendentes (OLIVEIRA, 2007). Ademais, a conversão para a religião católica contribuiria para o bom funcionamento do Antigo Regime, pois reproduziria as diferenças sociais existentes no Brasil colonial.

É importante ressaltar que a catequese representou não só a eficiência da Igreja mediante a conversão ao catolicismo, como, também, a reapropriação dos símbolos cristãos pelos negros convertidos. Tal fato foi possível, pois africanos e europeus possuíam ideias importantes em comum em relação aos seus sistemas religiosos. Segundo John Thornton (2004, p. 313):

Ambas as culturas aceitaram a realidade básica da religião: havia outro mundo que não podia ser visto e as revelações eram a fonte indispensável pela qual as pessoas poderiam tomar conhecimento desse outro mundo. Assim, africanos e europeus dos séculos XVI e XVII conceberam o cosmos como dividido em dois mundos separados, porém intimamente interligados.

Na segunda metade do século XVIII, africanos e seus descendentes transformaram-se no maior contingente populacional da América Portuguesa (OLIVEIRA, 2006). A Igreja Católica, ciente do seu papel na manutenção de uma estrutura social excludente, implementou novas ações para a conversão dos negros. Ocorreu, assim, a promoção de santos pretos que

proporcionariam exemplos de virtudes cristãs e inseririam essa população de forma subordinada no sistema de Cristandade colonial. Nesse contexto, foi desenvolvido um conjunto de obras que mostrava personagens da santidade de cor que tiveram suas vidas relacionadas às carmelitas e franciscanos. Aqui, cabe mencionar os escritos desenvolvidos por Anderson Oliveira acerca de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos. Esses personagens, reconhecidos pelo carmelita Frei José Pereira de Santana pelas origens africanas e pelo heroísmo cristão, também foram identificados pela questão da cor, que, como já mencionado, estruturava o projeto de conversão ao cristianismo. De acordo com Oliveira (2006, p. 64):

O discurso de Frei José, ao reforçar a especificidade da cor dos santos, reproduzia uma concepção hierárquica da sociedade, onde até mesmo o altar eram pensado enquanto um espaço segmentado por diferenças que eram vistas como naturais. A própria existência de um projeto específico de catequese para africanos e seus descendentes reforçava e recriava as diferenças. Neste sentido, a catequese enquanto discurso quer produzir a unidade de procedimentos e crenças, porém, sem deixar de pensar e reproduzir as diferenças.

Ainda sobre os “santos pretos carmelitas”, vale destacar que os devotos foram construindo a sua identificação com esses personagens ao mesmo tempo em que iam criando redes de solidariedade e identidades étnicas, resultando em recriações culturais relativamente autônomas no seio da Cristandade colonial. Assim, a devoção tornou-se o meio para expressar as contradições inerentes à sociedade e aos grupos negros (OLIVEIRA, 2008). Ademais, africanos e seus descendentes, ao se reunirem em torno dos santos patronos, estruturaram laços de solidariedade que permitiram a conquista de algum grau de autonomia em meios às regras impostas pelo sistema escravista (OLIVEIRA, 1997; REIS, 1997; SOARES, 2000).

Em relação à atuação dos africanos e seus descendentes como propagadores do catolicismo durante o século XVIII, cito ainda, em minha pesquisa vigente, o caso de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Meus objetivos são demonstrar sua vivência religiosa e também destacar semelhanças entre sua trajetória e a de Nhá Chica – essa questão será abordada no segundo tópico deste artigo. Rosa foi uma escrava africana que desembarcou no Brasil em 1725. Seu misticismo atraiu a idolatria de brancos e negros. Foi a única mulher de cor, ex-escrava e ex-prostituta em todo o mundo cristão a fundar um “convento de recolhidas” cuja capela, reconstituída, ainda existe no centro do Rio de Janeiro. Para os franciscanos, valia à pena investir na negra beata, pois ela serviria de modelo de santidade para a população de cor (MOTT, 1993, p. 241):

Rosa Egipcíaca tinha tudo para tornar-se modelo universal dos cativos de todo o mundo católico colonial, pois, como a maior parte dos escravos, vivenciara os terrores de um tumbeiro, sofrera a violência dos açoites e abuso sexual, mas, arrependida, se convertera em mulher virtuosa, praticante de um sem-número de sacrifícios e exercícios espirituais.

No século XIX, a escravidão africana foi a base da construção do Estado Imperial brasileiro, com o reforço das hierarquias sociais e do caráter excludente. A união entre Estado e Igreja ainda estava em vigor, visto que era reconhecida a importância da religião para consolidar a hegemonia dos imperadores. Também ocorreu a revitalização do programa de reformas da Igreja dentro de novas perspectivas. O movimento partiu da alta hierarquia para tentar atingir o baixo clero e os fiéis, e manteve a preocupação com a conversão da população negra (OLIVEIRA, 1995). Foi propagado, então, um catolicismo leigo e de práticas cotidianas vivenciado pelos diferentes segmentos sociais do Império, incluindo libertos, ex-escravos e seus descendentes. Assim, destacou-se a inserção de negros na Igreja Católica, mesmo que não oficialmente – como no caso da leiga Nhá Chica.

### **Estudos sobre a biografia e a trajetória de Nhá Chica**

Como mencionado na introdução deste artigo, a trajetória e a biografia de Nhá Chica são objetos de análise para que seja possível observar a sua atuação mediante a propagação do catolicismo no Brasil, principalmente em Minas Gerais. Nascida em Santo Antônio do Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, no início do século XIX, – não se sabe ao certo se em 1808 ou 1810<sup>2</sup> – recebeu em seu batismo o nome de Francisca de Paula de Jesus Isabel. Era filha de Izabel Maria da Silva, que fora escrava, desconhecendo-se a data em que se tornou liberta. Izabel teria ainda outro filho ilegítimo irmão de Francisca, Theotônio Pereira. Sabe-se que sua família transferiu-se para o Arraial de Santa Maria de Baependi, hoje cidade de Baependi, em 1818. Segundo relato de seus hagiógrafos, dentre os poucos pertences levados, havia uma imagem de Nossa Senhora da Conceição (SÊDA, 2020).

Izabel, segundo Rita Elisa Sêda (2000), crente aos ensinamentos católicos e catequizada com fundamentos dogmáticos cristãos, teria batizado Francisca e a levou para ser purificada e liberta do pecado original. O batismo aconteceu ainda em Santo Antônio do Rio das Mortes, quando a criança tinha dois anos de idade. Esse teria sido o ponto de partida para a sua vida cristã.

---

<sup>2</sup> Rita Elisa Sêda, em “Nhá Chica, a mãe dos pobres”, ressalta que Nhá Chica afirmou ter nascido em 1808.

Segundo as narrativas, em 1843 Nhá Chica perdeu sua mãe<sup>3</sup> e, atendendo a um pedido feito por ela no seu leito de morte, iniciou sua vida religiosa, dedicando sua devoção à Nossa Senhora. Não casou, mantendo a castidade e a vida solitária, inclinando-se aos cuidados com o próximo (SÊDA, 2020). Simone Geralda de Oliveira, ao analisar o destino da herança que Francisca recebeu de seu irmão, afirma que “parte foi utilizada para dourar o Altar-mor da Igreja Matriz Nossa Senhora De Montserrat, e o restante dividiu entre doações aos necessitados e a compra de um terreno para construir uma Igreja para N. Senhora da Conceição” (OLIVEIRA, 2008, p. 147). Sobre Nossa Senhora da Conceição, é importante mencionar que ela já era considerada padroeira do Império português e foi proclamada Padroeira do Império Brasileiro por D. Pedro I. Assim, podemos inferir que a capela de Nossa Senhora da Conceição, construída já no início do Segundo Reinado, foi erguida para uma devoção oficial.

É importante frisar que a tradição de beatos leigos não era nova. Nesse sentido, volto a mencionar o caso de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz, já que sua biografia e a de Nhá Chica se aproximam. Além da ancestralidade africana e das visões que ambas tinham com Nossa Senhora da Conceição, Francisca teria mencionado, em seu testamento, ser filha de Isabel Maria Egipcíaca. No entanto, sabemos que sua mãe foi Izabel Maria Silva. De acordo com Sirleia Maria Arantes (2018, p. 218), “ao partir da ligação com as raízes africanas, as notícias que circulavam entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais e o episódio da prisão em São João del-Rei, acredita-se que a Egipcíaca mencionada por Nhá Chica seja Rosa”.

Ao analisar a trajetória de Nhá Chica em Baependi, a pesquisa em questão compreende que o termo “Nhá” foi utilizado como abreviatura de “Sinhá”, sendo uma forma carinhosa pela qual a religiosa foi denominada. Essa nomenclatura também nos leva a refletir sobre o prestígio e a distinção que Francisca teria alcançado através da religião e do controle sobre a igreja que construiu. Para conceber a Igreja como um local de ascensão para ex escravos e seus descendentes, cabe destacar a trajetória e o processo de mobilidade social do Padre José Maurício Nunes Garcia, descendente de africanos que foi ordenado em 1792 (OLIVEIRA, 2011). Para Anderson Oliveira (2011, p. 61), o processo de ordenação de José Maurício aponta para a ideia de que a Igreja Católica foi utilizada como local de ascensão para escravos, ex escravos e suas famílias.

No caso de José Maurício, filho de pardos libertos e, pelo menos do lado paterno, descendente direto de uma avó africana, parece-me possível afirmar que seu processo de ascensão era também o de sua mãe e de sua avó materna

---

<sup>3</sup> O registro sobre a morte de Izabel Maria foi encontrado no arquivo paroquial *no Livro de Óbitos* da Igreja Nossa Senhora do Montserrat, sendo relativo ao período de outubro de 1841 a maio de 1869.

DOSSIÊ CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÃO: CAMINHOS E PERSPECTIVAS & VARIA

que, pelas informações contidas no processo de habilitação, ainda estavam vivas à época de sua ordenação.

Ainda sobre o prestígio alcançado por Nhá Chica em Baependi, destaco dois pontos: os bens que sua família acumulou e o silenciamento de sua cor. Sobre o primeiro, Sirleia Maria de Arantes (2018, p. 217) menciona que seu irmão:

Teotônio transformou-se em comerciante, participou da Guarda Nacional, foi juiz de paz e vereador e amealhou uma riqueza de 23:753\$000. Desse monte, 14:688\$346 ficaram para a irmã solteira Francisca, que morava na casa que a mãe havia adquirido.

Portanto, podemos sugerir que a beata e seus parentes mais próximos teriam vivido em um contexto social e econômico no qual geralmente estavam as famílias livres de cor do sul de Minas Gerais.

A distinção de Nhá Chica também pode ter sido alcançada por meio do silenciamento de sua cor – que, no século XIX, permanecia como marca de discriminação (MATTOS, 2000). Assim, vale destacar que existe a dúvida se Francisca teria nascido escrava ou liberta, sendo algo discutido por seus biógrafos. Desse modo, é importante destacar o contexto no qual a personagem estava inserida, visto que, no pós independência, a instituição da escravidão permaneceu inalterada. Hebe Mattos (2000, p.21) afirma que a Constituição de 1824 concedia a cidadania aos indivíduos que não tivessem nascido escravos:

[...] além das exigências de renda, impunha-se ao eleitor que tivesse nascido “ingênuo”, isto é, não tivesse nascido escravo. Em outras palavras, se os descendentes dos escravos libertos poderiam [se renda tivessem] exercer plenamente todos os direitos políticos da jovem monarquia, os escravos nascidos no Brasil que fossem alforriados não entrariam em pleno gozo dos direitos reconhecidos aos cidadãos e súditos do Império do Brasil.

Para a autora em questão, o silenciamento da cor teria sido, portanto, um dos elementos fundamentais para a conquista da cidadania no Brasil Monárquico. No caso da beata, esse fator, além dos bens da mesma e, principalmente, de sua projeção religiosa, poderiam justificar o seu processo de mobilidade social, mesmo sendo descendente de escravos.

Dois meses após a libertação dos escravos em todo o Brasil, Nhá Chica ficou muito doente e achou necessário fazer seu testamento. Faleceu em 14 de junho de 1895 devido a uma anemia geral, e foi sepultada no dia 18 daquele mês. Em 1952, teve início o processo pela sua canonização, e em 1989 houve a instalação da Comissão em prol da Beatificação. No ano de 1991, a religiosa recebeu da Congregação das Causas dos Santos do Vaticano o título de *Serva de Deus*. Após mais algumas etapas, em 14 de setembro de 2012, no Santuário Nossa Senhora

da Conceição, “houve o comunicado oficial feito pelo bispo da Diocese da Campanha, dom frei Diamantino, a respeito da cerimônia de beatificação de Francisca de Paula de Jesus, Nhá Chica, no dia 11 de maio de 2013, em Baependi” (SEDA, 2020, p. 195).

Antes de passar para a análise das fontes e da metodologia da pesquisa, é válido realizar uma breve discussão acerca da bibliografia que está sendo utilizada. Conforme notado, os escritos de Sirleia Maria Arantes (2018) e de Simone Geralda de Oliveira (2008) abordam Nhá Chica de forma periférica. Sirleia menciona os bens da família da beata ao analisar famílias de libertos no sul de Minas. Já os estudos de Simone foram utilizados para observar o destino da herança de Francisca – especificamente a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Ademais, a obra de Rita Elisa Sêda, embora tenha Nhá Chica como personagem central, demonstra que já existe uma biografia sobre a religiosa. Portanto, minha proposta é unir as perspectivas periférica e biográfica, reconstruindo a trajetória da beata e demonstrando, assim, sua projeção religiosa e a propagação do catolicismo para a população de Minas (incluindo africanos e seus descendentes). Para tal, será necessário entender o perfil dos seus devotos, o contexto religioso de Baependi e como Nhá Chica era vista em seu local de atuação. Assim, nos próximos parágrafos irei apresentar a metodologia e as fontes que estão em andamento.

Passo, então, à análise das fontes e da metodologia que estão sendo aplicadas na pesquisa. O material utilizado é composto por fontes paroquiais, periódicos do século XIX e relatos sobre Nhá Chica, como os que estão presentes no livro *Caxambu*, do médico Henrique Monat (1894). O objetivo principal é analisar a trajetória de Nhá Chica, principalmente entre os anos de 1843 e 1895. Nesse sentido, as fontes, sobretudo os arquivos paroquiais, estão sendo abordados do ponto de vista da História Social, pois irão também reconstruir o perfil dos devotos da beata, demonstrando como a religiosa atraiu pessoas para sua capela.

Trabalhar com biografia não é uma tarefa fácil. Uma das dificuldades está no modo como devemos lidar com a individualidade dos personagens estudados. Ao abordar as complexidades trazidas pelos estudos biográficos, Giovanni Levi (1998, p. 174) afirma que os historiadores são “fascinados com a riqueza das trajetórias individuais e ao mesmo tempo incapazes de dominar a singularidade irredutível da vida de um indivíduo”. Dessa forma, explorar a trajetória de Nhá Chica poderá resultar na abordagem de uma história individual que levará à compreensão de questões mais gerais e processuais, como a escravidão existente no século XIX e a inserção de descendentes de escravos e ex escravos na Igreja Católica. Assim, os escritos de Levi podem ser aqui ressaltados, pois, para ele (1996, p.176-177):

Às vezes [...] as biografias são usadas especificamente para esclarecer o contexto. Nesse caso, o contexto não é percebido em sua integridade e



DOSSIÊ CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÃO: CAMINHOS E PERSPECTIVAS & VARIA

exaustividade estáticas, mas por meio de suas margens. Descrevendo os casos extremos, lança-se luz precisamente sobre as margens do campo social dentro do qual são possíveis esses casos.

Os registros paroquiais são de extrema relevância para a reconstrução de trajetórias e de biografias. João Fragoso, em *Arquivos Paroquiais e História Social na América Lusa, séculos XVII e XVIII: métodos e técnicas de pesquisa na reinvenção de um corpus documental*, analisa a contribuição dos assentos paroquiais do Rio de Janeiro para a História Social durante os séculos XVII e XVIII. Ele afirma que periodicamente ocorriam visitas às paróquias, feitas por reverendos a mando do bispo. Além de informações sociais e econômicas sobre as regiões estudadas, também poderia ser observada a vida do paroquiano de forma individual. Constantemente, relatos feitos aos padres locais eram transformados em assentos paroquiais, como livro de batismos, habilitações de casamentos e livros de óbitos. Poderiam, assim, ser mapeados contextos específicos – como a vizinhança, a geografia política e a hierarquia social – de um determinado local e construídas fichas individuais de cada paroquiano. Fragoso conclui que (2014, p.25):

[...] por meio do manuseio dos registros paroquiais é possível recuperar a História Social de uma população e de seus grupos. Isso por um simples motivo, tais fontes capturavam as opções dos *católicos*, ou de quase todos, que constituíam a dita *população católica* em momentos decisivos de suas vidas.

Na pesquisa em questão, as fontes paroquiais abordadas estão sendo utilizadas para que seja possível explorar a trajetória de Nhá Chica, principalmente no que diz respeito à propagação da fé católica e às suas condições de vida na região onde viveu. Como mencionado, o objetivo também é analisar os perfis dos devotos da religiosa, especialmente daqueles que frequentavam a capela de Nossa Senhora da Conceição. Assim, é importante frisar que os registros paroquiais de Baependi foram encontrados no site *family search*, que contém livros de batismos, casamentos e óbitos da paróquia de Nossa Senhora de Monserrat de Baependi, a qual a capela de Nossa Senhora da Conceição estava subordinada. O conjunto dos registros cobre o período entre 1774 e 2017. Portanto, no conjunto desses registros é possível encontrar as cerimônias que foram realizadas na capela de Nossa Senhora da Conceição, no período recortado por estes estudos, permitindo traçar um perfil dos devotos que escolheram aquela capela para a realização de seus atos devocionais.

No conjunto dessas fontes encontram-se documentos que permitem uma aproximação maior com a família da beata, como o óbito e o testamento da mãe de Nhá Chica, além do óbito de seu irmão, que estão localizados no livro de registros óbitos de 1841 a 1869. Também será

analisado o óbito de Nhá Chica, que está nos assentamentos óbitos de 1892 a 1901. Poderão ser averiguados, ainda, o inventário e o testamento de Teotônio Pereira do Amaral, assim como o inventário da beata, todos transcritos na obra *Nhá Chica - Perfume de Rosa*, de Gaetano Passareli. Por fim, vale acentuar o batismo da religiosa, que está localizado no livro de Assentamentos de batizados de 1810 a 1818 da paróquia da catedral Basílica da Nossa Senhora do Pilar de São João d'El Rey.

É importante perceber que os estudos sobre a biografia e a trajetória de Nhá Chica podem ser inseridos no contexto da micro-história de Carlo Ginzburg. O termo, ao ser utilizado para questionar as análises estruturais no âmbito da historiografia, abre caminho para percebermos que abordagens sobre agentes negros e seu protagonismo religioso são dignos de maior notoriedade. Embora existam biografias sobre a beata em questão, novos temas e perspectivas podem ser explorados – a exemplo do que é proposto nesta pesquisa. Ao analisarmos a obra *O Fio e os Rastros* (2007), de Carlo Ginzburg, – mais especificamente o capítulo “Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito” – notamos a tentativa do historiador de demonstrar a importância de enfatizar ações individuais de relevância social. Assim, o propósito da micro-história seria o de estudar e pesquisar temáticas que se inseriam fora dos grandes agrupamentos sociais e dos espaços institucionais clássicos – tentativa que está sendo aplicada na pesquisa em andamento.

Retornando à apresentação das fontes e da metodologia, nota-se que a pesquisa também utiliza a análise do periódico *O Baependyano* – a coleção está toda disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo possível acessá-la online<sup>4</sup>. O objetivo inicial é abordar o contexto religioso de Baependi, observando como a figura de Nhá Chica foi propagada para a população local. Para tal, estão sendo feitas leituras das edições do jornal, mais especificamente no período de 1877 a 1889. Como exemplo, pode ser mencionado o anúncio publicado – e ilustrado na obra de Rita Elisa Sêda – no dia 5 de dezembro de 1880 acerca de uma missa a ser realizada na capela de Nossa Senhora da Conceição, criada por Francisca (SÊDA, 2020, p. 74). Nesse sentido, é possível cruzar as informações do perfil dos devotos da capela, que serão extraídas dos registros paroquiais, com as notícias sobre o edifício religioso, compreendendo melhor a associação de Nhá Chica com o culto a Nossa Senhora da Conceição no contexto da vigência do catolicismo em Baependi.

Já sobre os relatos obtidos acerca de Nhá Chica, observa-se a entrevista feita pelo médico Henrique Monat com a beata, na qual são reveladas suas profecias e sua devoção a

---

<sup>4</sup> A coleção está toda disponível em <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/baependyano/225762>.

Nossa Senhora. No livro *Caxambu*, publicado em 1894, o médico revela, em um capítulo dedicado à beata, dados biográficos da religiosa e afirma que ela seria uma celebridade em todo o sul de Minas, sendo uma fiel serva de Deus. Também menciona visitas que devotos constantemente faziam à Francisca na busca por conselhos. Ademais, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição também é abordada, e é demonstrada a importância da capela para Nhá Chica. De acordo com Monat (1894, p.98):

A igreja agrada muito pelo aceio e o zelo com que é conservada; quasi toda a ornamentação, imagens, vasos, alfaias, órgão, lâmpadas são offertas feitas a Nhá Chica, que não cessa de repetir os nomes dos que tem contribuído para sua obra, especialmente o do falecido Visconde do Cruzeiro.

É possível, através dos escritos de Monat, observar, então, como Nhá Chica era vista pela sociedade de Baependi, pelos visitantes da cidade e também pelos seus devotos (Ibidem):

Exemplo de virtude, de abnegação, espirito de caridade, dominado pela fé, ella é uma inoffensiva buenadicha, convicta, mas que nunca se quis impor; habituaram-n'a ao papel de advinha, ella o tomou a sério e o faz sem esforço. Há quem já anteveja sua beatificação e ulterior canonização. Santa Francisca de Baependy!

Finalizando a apresentação da pesquisa, ressalto a relação que pode ser estabelecida entre os relatos obtidos por Monat (1894) sobre Nhá Chica e os escritos de Jörn Rüsen (2009) sobre o conceito de memória. A trajetória da beata demonstra a importância do uso da memória para o desenvolvimento de estudos sobre temas, indivíduos e contextos específicos. É possível entender a beatificação da religiosa, por exemplo, ao analisarmos sua história e observar, através das informações obtidas, sua importância para a população de Baependi. Nesse contexto, destaco Rüsen que, ao classificar a memória como responsiva e construtiva, afirma que a última faz com que o passado rememorado torne-se discursos e narrativas – sendo esse o meu objetivo ao reconstruir a trajetória de Nhá Chica. Para o autor (2009, p.167-168):

No modo construtivo, o passado rememorado é matéria para discursos, narrativas e uma comunicação contínua. Aqui, a memória moldou o passado em uma história significativa e aqueles que lembram parecem ser os mestres de seu passado na medida em que eles colocam a memória em uma perspectiva temporal com a qual podem articular suas expectativas, esperanças e medos.

Por fim, é possível perceber que os elementos apresentados nos parágrafos anteriores reforçam que a metodologia aplicada na pesquisa é constituída a partir da forma como as informações presentes nas fontes paroquiais, no periódico e nos relatos sobre Nhá Chica estão sendo lidas, retiradas e ordenadas. Como mencionado, o intuito é reconstruir a trajetória da beata e o perfil dos seus devotos, destacando a vivência da fé católica e o prestígio alcançado pela religiosa em Baependi.

## Considerações finais

A apresentação da pesquisa em questão permite que seja observada a propagação do catolicismo para os africanos e seus descendentes no Brasil, principalmente através da promoção de figuras negras. Conforme notado, a trajetória de Nhá Chica, mais especificamente entre 1843 e 1895, é abordada mediante sua atuação religiosa e sua importância para a sociedade do sul de Minas Gerais – incluindo a população de cor. Desse modo, torna-se cabível verificar até que ponto a imagem da religiosa foi associada a exemplos de conduta que se esperavam de escravos e libertos em uma sociedade escravista. Ainda sobre Nhá Chica, é considerável mencionar que o prestígio e a posição alcançados por ela também são discutidos para que seja possível considerar a Igreja Católica como local de ascensão para escravos e ex-escravos.

## Referências Bibliográficas

- ARANTES, Sirleia Maria. *No rendilhado do cotidiano: a família e as redes sociais dos livres de cor na Comarca do Rio das Mortes (c.1770-c.1850)*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em História, Belo Horizonte, 2018.
- FRAGOSO, João; GUEDES, Roberto; SAMPAIO, Antonio Carlos Jucá de. (Orgs.) *Arquivos Paroquiais e História Social na América Lusa, séculos XVII e XVIII: métodos e técnicas de pesquisa na reinvenção de um corpus documental*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014.
- GINZBURG, Carlo. *Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito*. In: \_\_\_\_\_. *O Fio e os Rastros*. SP: Cia das Letras, 2007.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e Cidadania no Brasil Monárquico*. 2ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- MONAT, Henrique. *Caxambu*. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894.
- MOTT, LUIZ. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand do Brasil, 1993.
- OLIVEIRA, A. J. M. *Devoção e Caridade: irmandades religiosas no Rio de Janeiro Imperial (1840-1889)*. Tese (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História, Niterói, 1995.
- OLIVEIRA, A. J. M. *Devoção e Identidades: significados do culto de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro e nas Minas Gerais no Setecentos*. Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 6, n.12, 2006.
- OLIVEIRA, A. J. M. *Devoção Negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.
- OLIVEIRA, A. J. M. *Igreja e Escravidão Africana no Brasil Colonial*. Especiaria (UESC), v. 10, 2007.
- OLIVEIRA, A. J. M. Padre José Maurício: 'dispensa da cor', mobilidade social e recriação de hierarquias na América Portuguesa. In: GUEDES, Roberto. (Org.). *Dinâmica imperial no antigo regime português: escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados (Séculos XVII-XIX)*. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

OLIVEIRA, A. J. M. Santos Negros e Negros Devotos: a Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia no Rio de Janeiro, século XIX. *Cativeiro & Liberdade: Revista Interdisciplinar de História*. Rio de Janeiro/Niterói: UFRJ/UFF, ano II, vol. 4, 2006.

OLIVEIRA, Simone Geralda de. *Três Santas do Povo: Um estudo antropológico sobre santificações populares em Minas Gerais*. 245f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Juiz de Fora, 2008.

REIS, João José. Identidade e diversidades étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. *Tempo: Revista do Departamento de História da UFF*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, vol. 2, n. 3, 1997.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: Questões relevantes de Meta-História. *História da Historiografia*, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009.

SEDA, Rita Elisa. *Nhá Chica – A mãe dos pobres*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2020.

SOARES, Mariza de Carvalho. (2000). *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

THORNTON, J. *A África e os Africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.